

**Governo** Depois de três meses na Europa, presidente instalará fundação no centro de São Paulo

# FHC inicia por Paris futuro de conferencista

**Sergio Leo**  
De Brasília

Paris será o primeiro destino do presidente Fernando Henrique Cardoso, ao deixar o governo. Ainda em janeiro, na condição de ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique fará da capital francesa sua base para iniciar um período de três meses na Europa, que pretende passar atendendo aos inúmeros convites de palestras. Ele estuda também convites para lecionar, como professor visitante, em universidades prestigiadas como a London School of Economics, a Universidade de Florença, a de Salamanca, na Espanha. Nas palestras, pretende desenvolver, para os meios acadêmico e político internacional, os discursos que tem feito, em suas últimas viagens, defendendo uma nova ordem financeira mundial e maior ação dos governos sobre os fluxos financeiros descontrolados.

Como professor, não perderá a condição de presidente: desde maio, foi convidado para presidir o Clube de Madri, uma instituição informal, formada após a Conferência sobre Transição e Consolidação Democráticas, no início do ano, na capital espanhola. Reunindo ex-chefes de Estado, como o ex-presidente de

Portugal Cavaco Silva e a ex-primeira ministra do Canadá, Kim Campbell, o Clube de Madri tem o objetivo de defender e reforçar os princípios democráticos no mundo, e recebe apoio da fundação Gorbachev, dos Estados Unidos, e da Fundação para Relações Internacionais e o Diálogo Exterior, baseada em Madri.

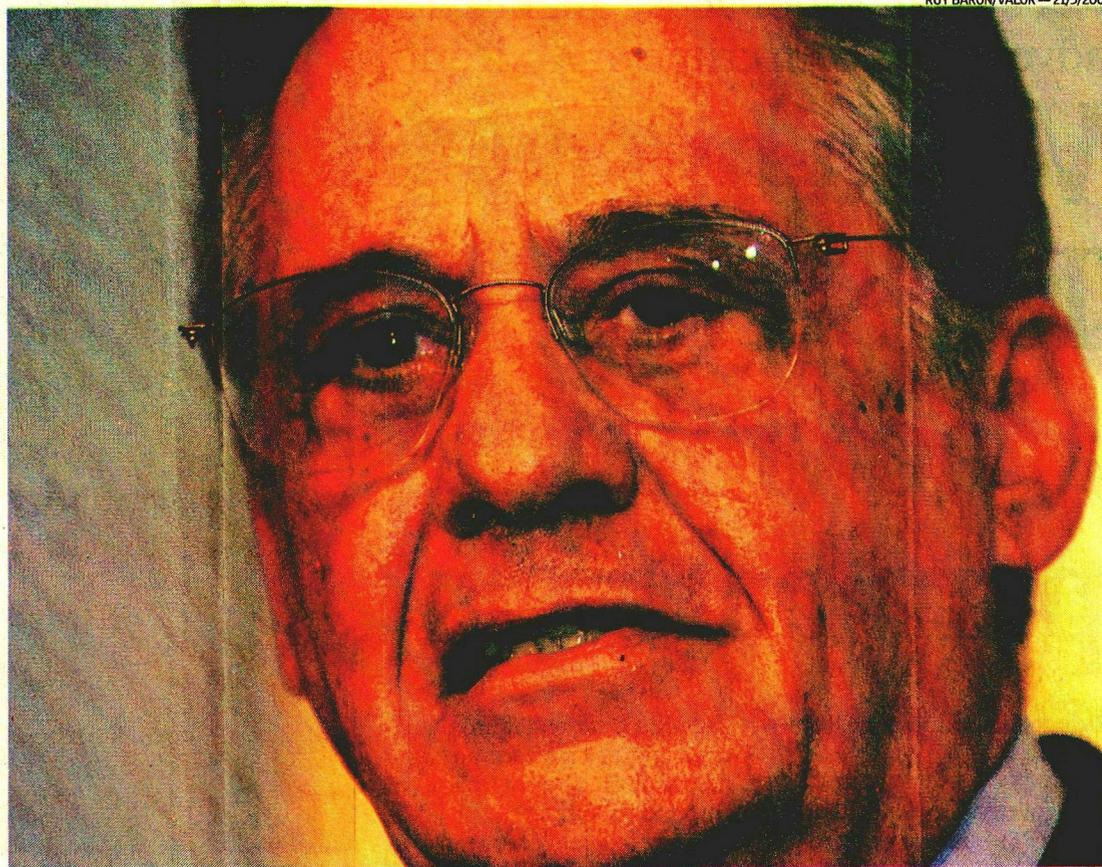
O posto, não remunerado, facilitará o papel de conferencista do presidente. Fernando Henrique analisa também convites para incorporar-se ao corpo de professores nas norte-americanas Harvard, Princeton e Brown University. Nos últimos meses, tem mantido conversas freqüentes com Bill Clinton, com quem faz planos de atuação futura. Costuma brincar com seus planos de dar aulas no exterior, argumentando que não terá remuneração como ex-presidente e terá de viver com R\$ 5 mil de sua aposentadoria da USP e a aposentadoria da mulher, Ruth.

Após os três meses na Europa, Fernando Henrique pretende voltar ao Brasil e se dedicar, por algum tempo, à constituição do instituto ou fundação que instalará em São Paulo no sexto andar de um antigo prédio no Vale do Anhangabaú, próximo ao Teatro Municipal, com seu acervo de documentos reunidos nos

oito anos de mandato. Ele pretende fazer do local um centro de pesquisas, aberto a consulta para acadêmicos e intelectuais. No Rio, terá, à disposição, uma sala no Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), presidido pelo ex-chanceler Luiz Felipe Lampreia. Lampreia ofereceu — e Fernando Henrique aceitou — instalações e apoio para guarda de documentos e obras relacionadas ao governo que está encerrando o mandato.

A cada viagem, Fernando Henrique refina os argumentos do que deverá ser a tônica de boa parte dos seus futuros pronunciamentos, em favor da criação de mecanismos de controle dos mercados financeiros. Em Montevideú, insistiu na tese de que instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, criadas ainda no cenário após a Segunda Guerra Mundial ficaram “pequenas para os desafios do mundo de hoje”, em que o dinheiro em circulação no mundo chega à casa dos trilhões de dólares.

Fernando Henrique lembrou, em uma conferência na Associação Latino-Americana para o Desenvolvimento e Integração (Aladi), que, durante a Presidência de Bill Clinton, teve apoio do americano para criar uma insti-



**FHC: Convites da London School of Economics, da Universidade de Florença e da Universidade de Salamanca**

tuição, o G-20, reunindo o chamado G-8, dos países mais desenvolvidos e governos de nações em desenvolvimento, para sugerir aperfeiçoamentos nessas instituições internacionais. “Hoje isso é insuficiente, as crises não se limitam aos países em desenvolvimento e falta transparência aos mercados”, comenta.

Acusado pela oposição de “neoliberal”, o quase ex-presidente Fernando Henrique e futuro conferencista internacional mostra uma convicção cada vez maior na necessidade de atuação dos Estados sobre o chamado mercado. Os países que mais sofrem são os “países intermediários”, como as maiores economias do Cone Sul e do Sudeste Asiático, que não gozam da confiança garantida aos países ricos, nem estão à margem das turbulências financeiras, como os pobres, argumenta o sociólogo.

Antes defensor da taxa Tobin, proposta pelo prêmio Nobel James Tobin como um percentual a ser aplicado sobre os fluxos financeiros mundiais para dar liquidez a países afetados pela volatilidade dos mercados financeiros, Fernando Henrique incorporou ao discurso, agora, a proposta do financista e especulador George Soros, que defende a atuação conjunta dos bancos centrais do G-8 na recompra e refinanciamento dos bônus da dívida de países emergentes. É apenas uma idéia, mas a saída é por algum caminho assim, argumenta o presidente.

“Não é possível mais acreditar que toda a racionalidade está na exuberância irracional dos mercados ou, agora, no pessimismo exuberante dos mercados”, discursou o futuro presidente do Clube de Madri: “Algum fator racional tem de contra-arrestar es-

sa tendência, e agora o fator político é que é a Razão”, concluiu, com um comentário que deve reaparecer em seus futuros pronunciamentos.

O potencial de sucesso do discurso do presidente entre chefes de Estado pode ser medido pelos comentários do presidente do Uruguai, Jorge Battlle, na entrevista que encerrou a visita de Fernando Henrique a Montevideú. Após endossar a proposta de Soros, Battlle resumiu a atuação do FMI como uma “crônica da morte anunciada”.

“O fundo faz um programa, que pressupõe sempre um ajuste, que pressupõe sempre redução de investimentos, com queda da arrecadação e a diminuição da atividade econômica”, resumiu: “Como querem que a gente prospere e pague, se não tem quem financie a exportação, o investimento, nada?”